



Indecisão no setor calçadista de Birigui

Birigui ainda não sabe se haverá demissão nas fábricas

O setor calçadista de Birigui ainda não sabe se haverá demissões em função da recessão prevista para este ano. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário disse que somente após o período de férias coletivas e o início da produção dos primeiros pedidos deste ano, "que sabermos se haverá demissões". Marco Antônio de Oliveira disse que as 170 indústrias de calçados fecharam o ano passado com redução de 15% da produção em relação a períodos anteriores.

No entanto Marco Antônio Oliveira, disse que "não estou tão pessimista em relação a 1991". Ele admite que a crise vai diminuir a produção. "Mas acredito que a criatividade poderá diminuir o impacto". Ele disse que "se as indústrias fabricarem um calçado de acordo com as necessidades dos consumidores, a produção Marco Antônio Oliveira disse que o setor de produção da Calçados Catina funcionou até o dia 21 de dezembro. "Quando percebermos que o nosso produto

estavam encaixados nas lojas porque o poder aquisitivo do consumidor era inferior ao seu custo, fizemos uma reciclagem e conseguimos fabricar o mesmo par de sapato que tinha um preço final de Cr\$ 6 mil, por Cr\$ 2,5 mil.

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário, disse que os empresários de uma forma geral, terão que reduzir todos os custos, inclusive a margem de lucro. "No atual momento econômico, se manter de pé, significará uma grande vitória".

Folha da Região

REGIONAL

Couromoda pode "salvar" indústrias

Birigui

Os dez mil trabalhadores do setor calçadista começaram a voltar ao trabalho. Após trinta dias de férias coletivas, o setor de corte de algumas fábricas voltou a funcionar na segunda-feira. No dia 21 terminará o período de férias dos operários dos setores de pesponto e montagem. No entanto, o fim das férias coletivas ainda não significa que o setor

calçadista não fará dispensas. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário, Marco Antônio Oliveira, disse ontem que a manutenção dos empregos gerados pelas indústrias de calçados está condicionada aos resultados da Couromoda. "Se as indústrias que estão expondo seus produtos nessa feira receberem bastantes encomendas, certamente os setores de produção necessitarão da mão-de-

obra que já está empregada", afirmou Oliveira.

O setor calçadista de Birigui fechou 1990 com produção 15% inferior ao ano anterior. O enxugamento do mercado consumidor originou o cancelamento de vários pedidos, inclusive as encomendas de final de ano. No entanto, algumas indústrias conseguiram retardar o período de férias coletivas. A Katina, por exemplo, responsável por 100%

dos calçados finos fabricados em Birigui, reverteu os custos e produziu os mesmos modelos para os segmentos populares. Na semana passada, o presidente do Sindicato das Indústrias disse que essa experiência deverá ser um exemplo a ser seguido neste momento de crise de consumo. As indústrias terão que fabricar um calçado que se enquadre no poder aquisitivo do momento, explicou Marco Antônio Oliveira.

Folha da Região

REGIONAL

Popi cria alternativa para crise

Birigui

Apesar da crise financeira no país, a fábrica de calçados Popi espera fechar o ano de 1991 com US\$ 55 milhões, 20% a mais do faturamento registrado no ano passado. A previsão foi feita pelo vice-presidente do grupo, João Fiorotto Júnior, que descartou a possibilidade de haver emissões em seu parque fabril. Fiorotto Júnior anunciou o lançamento do tênis Aerojump

como o responsável por um faturamento adicional de US\$ 25 milhões. Com produção diária estimada em 30 mil pares, o novo modelo garantirá os 1.500 empregos gerados pelas cinco unidades que a Popi mantém em Birigui.

Fiorotto Júnior apontou "a manutenção de fontes de reservas para situações de emergência ou momentos de crise, como os vividos pelo Brasil nesta fase de transição do Plano Collor", como

o principal instrumento que a Popi tem utilizado nos últimos 30 anos para manter seus setores de produção e a marca no mercado. Ele afirmou que "as indústrias devem possuir seus próprios meios de investimentos, sem depender diretamente dos financiamentos bancários". Com uma produção mensal de 600 mil pares/mês, a Popi acredita que o nível de vendas só pode ser mantido com a adequação da produção ao mercado.

"Se um segmento entra em baixa,

um outro compensa a defasagem", disse Fiorotto, ao justificar o investimento de US\$ 2 milhões para a composição de um produto lançado no pico de uma crise financeira nacional. Para ele, a abertura de mercado significa investimentos em equipamentos e tecnologia. Pelos seus cálculos, em um ano a Popi estará absorvendo 4% do mercado nacional, que consome atualmente 30 milhões de pares de tênis por ano.



Fábrica da Katina: Fórmula própria para driblar a falta de operários

Crise em Birigui é de falta de mão de obra: há 500 empregos

Roseiana de Aguiar

As fábricas de sapatos de Birigui sofrem uma crise que as diferencia da maioria das empresas do País: falta mão-de-obra para que a produção atual de 120 mil pares/dia cresça na mesma proporção que o mercado consumidor. Enquanto filas de desempregados aumentam no País, as 150 indústrias especializadas em calçados infantis de Birigui não conseguem preencher 500 vagas disponíveis há mais de dois meses.

Resolver esta crise tem sido difícil para a cidade. A própria estrutura de Birigui não permite grande projetos. Os empregos proporcionados pelo setor fabril transformaram a cidade em centro migratório regional. São 3,76% de crescimento populacional por ano, o que resultou em déficit de cinco mil moradias. Os aluguéis custam 200% mais que os praticados pelo setor imobiliário da região.

Diante das dificuldades de moradias, os operários que as indústrias têm buscado nos municípios da região preferem via-

jar até 60 quilômetros para ir ao trabalho. Eles vêm em ônibus fretados e retornam às suas cidades ao final do expediente. Esta circunstância já está gerando para estes municípios a denominação de "cidades-dormitórios".

Os investimentos para formar mão de obra e renovar o mercado empregador apresentam resultados bem diferentes dos objetivos propostos. A escola profissionalizante do Senai, mantida pela Prefeitura e Sindicato das Indústrias do Vestuário, tem formado expressivo número de especialistas em corte, pesponto e modelos. Porém, os novos profissionais adquirem experiência e deixam a condição de empregados para ter o próprio negócio. Calcula-se que 30% das pequenas indústrias existentes em Birigui pertençam a ex-funcionários, que dividem os segredos da profissão com esposas, filhos e até netos. Este comportamento está resultando em um mercado paralelo de mão de obra.

A independência profissional conseguida por alguns ex-operários significou há 32 anos a própria independência econômica de Birigui. O município, que

hoje arrecada 32 milhões em Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços e proporciona renda **per-capta** de US 3.200, iniciou a fase de fabricação de calçados em série com o empenho do ex-operário Antônio Ramos Assumpção. Ao perder o emprego de entregador de pães, Assumpção foi trabalhar como sapateiro. Logo percebeu que os sapatos masculinos fabricados artesanalmente pelo armênio Avac Bedouian e por outros pequenos fabricantes não conquistariam um mercado dominado por um monstro sagrado chamado França. Fabricar calçado feminino também não era lucrativo tendo um mercado como o de Gramado como concorrente. O empresário decidiu especializar-se em calçados infantis.

Da antiga fábrica que produzia 30 pares por dia, restam apenas lembranças. Dono do conglomerado Kiuti, que produz 40 mil pares por dia, Antônio Assumpção emprega 2 mil operários e possui 27 mil metros quadrados de área construída.

Crise gera impacto econômico no meio industrial de Birigui

Birigui - O setor calçadista biriguiense poderá demitir 4 mil pessoas caso não haja aquecimento das vendas até o final deste mês. A afirmação é do Sindicato das Indústrias do Vestuário que já detectou queda de volume de vendas. "Até os pedidos feitos para as vendas de final de ano, estão sendo cancelados" afirmou o presidente do Sindicato, Marco Antônio de Oliveira. Ele atribuiu a crise do setor ao "enxugamento do crédito e ao aumento das taxas de juros". A redução do mercado consumidor, segundo ele, provocou a falta de liquidez em muitas indústrias de calçados

estando com dificuldades para receber duplicatas faturadas há 45 dias.

O cancelamento dos pedidos está assustando os donos das 200 indústrias, que até recentemente produziram 120 mil pares de calçados por dia. Em uma delas por exemplo, em um mesmo dia, 17 pedidos foram cancelados. A maioria das indústrias tem produção assegurada apenas para esta semana, "depois disto, as demissões poderão ser iniciadas", afirmou o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário, Oliveira, prevê demissão de 30% dos 10 mil operários do setor. "No entanto as demissões serão feitas parcialmente".

Até julho deste ano, as indústrias de calçados de Birigui não apresentavam sinais de serem atingidas pela recessão provocada pelo Plano Collor. Enquanto setores industriais demitiam pela retração do mercado consumidor, o setor calçadista de Birigui não conseguia preencher 500 vagas abertas pelo aumento da produção. No entanto, no mês de setembro, as vendas começaram a cair e a falta de liquidez registrada em outubro, deram início a crise do setor. O presidente do Sindicato dos Empregados na Indústria do Vestuário, Odair Callegari, prevê índices maiores de demissões.

Enxugamento e juros altos provocam crise setorizada

BIRIGUI

O comércio e a indústria de Birigui vivem uma crise setorizada. Enquanto os lojistas do setor de confecções inventam formas para atrair compradores, as lojas de eletrodomésticos são responsáveis por pelo menos 50% das 200 consultas diárias recebidas pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). "Acredito que os prazos oferecidos estão tornando o enxugamento do mercado consumidor menos drástico para o setor de eletrodoméstico", explicou o presidente da Associação Comercial e Industrial, Frederico Vargas Filho. Nessas lojas, é possível comprar e começar a pagar em até 45 dias, com parcelas não acrescidas de juros. "As taxas de juros dos planos não promocionais" ainda são mais compensatórias que os rendimentos da poupança", afirmou o bancário Luiz Henrique Lopes. Ele sacou parte do investimento para dar como entrada num aparelho de vídeo.

"Já imaginou quanto ele não vai estar valendo daqui há três meses?", indagou.

Enquanto esse setor consegue ser pouco atingido pela crise, "quem vende material para construção sabe que esse final de ano será bem diferente dos demais", afirmou o presidente da Associação Comercial e Industrial, Frederico Vargas Filho garante que as vendas caíram em 35%. "Normalmente - disse - nos finais de ano o setor era aquecido pelas reformas e construções. Vendia-se muito material de acabamento que, como se sabe é o mais caro. No momento, o setor tem vendido apenas material básico para construções populares."

Aliás, os artigos populares têm evitado que o setor calçadista tenha algumas excessões na atual crise. Enquanto a maioria dos fabricantes dos 120 mil pares de calçados que Birigui produz diariamente recebem pedidos de cancelamento, os fabricantes de sapatos populares continuam produzindo normalmente.